

Revolução pela palavra: movimentação literária de jovens escritoras negras brasileiras

Revolution by word: literary movement of young brazilian black writers

Viviane Carvalho Lopes¹

RESUMO: As representações negras foram, ao longo do tempo, excluídas e silenciadas da cena literária brasileira via racismo institucional e simbólico, que rejeitavam tanto autores quanto personagens de origem africana. Esse silenciamento histórico sobre as vozes negras tem sido quebrado, contemporaneamente, por uma movimentação de vida e escrita de jovens escritoras negras, que revolucionam a literatura brasileira com as suas experiências, além de uma estilística inovadora. A exemplo disso, temos o livro de contos *Pequenas ficções de memória* (2018) de Zainne Lima da Silva, e a antologia de poemas *Mulher-palavra* (2021) de Thaíse Santana, que estão marcados por uma beleza poética que entoa cultura e política, transpassados por experiências oriundas da população negra, sobretudo, de mulheres negras e periféricas. Nesse intento, busca-se apresentar, neste trabalho, de quais maneiras essas escritoras estão inovando o tecido literário, apontando para quebra dos silenciamentos e das máscaras, seguindo a linha de raciocínio da pesquisadora Grada Kilomba, em *Memórias da plantação – Episódios de racismo cotidiano* (2019), de maneira a tornarem-se sujeitas/protagonistas de suas histórias.

ABSTRACT: Black representations were, over time, excluded and silenced from the Brazilian literary scene via institutional and symbolic racism, which rejected both authors and characters of African origin. This silent history of black voices has been broken, at the same time, by a movement of life and writing of young black writers, who revolutionize Brazilian literature with their experiences, in addition to an innovative stylistic. Like this, we have the book of short stories *Pequenas ficções de memórias* (2018) by Zainne Lima da Silva, and the poems anthology *Mulher-palavra* (2021) by Thaíse Santana, which are marked by a poetic beauty that reflects culture and politics, crossed by experiences from the black population, especially black and peripheral women. In this attempt, it seeks to present, in this work, in what ways these writers are innovating literature, pointing to the breaking of silences and masks, following the line of reasoning of the researcher Grada Kilomba, in *Plantation Memories – Episodes of Everyday Racism* (2008), in order to become subject/protagonists of their stories.

PALAVRAS-CHAVE: Jovens escritoras negras; Literatura afro-brasileira; Ficção; Contos; Poemas.

KEYWORDS: Young black writers; Afro-Brazilian literature; Fiction; Short stories; Poems.

¹Bacharelado em Letras. Mestra em Letras: linguagens e representações (UESC) e doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa (PPGECLLP/USP). Membro do grupo de pesquisa “Literatura, História e Cultura: encruzilhadas epistemológicas” (CNPq/UESC). Bolsista CAPES.

Introdução

A invisibilidade da população negra na literatura brasileira revela a exclusão social e o silenciamento histórico desta parcela da sociedade que representa a maioria do país. De fato, a interdição do corpo negro durante séculos criou traumas e silenciamentos, para autores e autoras, bem como das personagens negras. Se a invisibilidade é um grande revés, a maneira como as personagens negras são representadas também. Esse fato pode ser nitidamente demonstrado através do Romantismo que elevou o mito indianista para constituir a identidade nacional, apagando a descendência negra da população brasileira da literatura.

Por outro lado, o racismo institucional e simbólico, que rechaçam tanto autores quanto personagens de origem africana, não abafou as vozes negras descendentes e sua resistência. Assim, há produções culturais originárias da reinvenção e da resistência africana no Brasil, como a música, dança, capoeira, culinária e religiões (EVARISTO, 2009). Apontamos, dessa maneira, a literatura negra/afro-brasileira também como uma produção cultural, identitária e de resistência.

Desde Maria Firmina, Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo e as importantes publicações de *Cadernos Negros*, as vozes femininas negras têm ecoado na literatura brasileira, circunscrevendo um modo próprio de fazer literatura, em que corpo e voz se fundem, e se revelam esteticamente. Literatura negra, literatura afro-brasileira, literatura escrita por mulheres que estão a partir dos seus lócus, criando revoluções, internas e externas através da palavra.

Sendo assim, o silenciamento impingido sobre as vozes negras têm sido quebrado, contemporaneamente, por uma movimentação de vida e escrita de jovens escritoras negras, que revolucionam a literatura brasileira com as suas experiências, além de uma estilística inovadora. A exemplo disso, temos o livro de contos *Pequenas ficções de memória* (2018) de Zainne Lima da Silva, e a antologia de poemas *Mulher-palavra* (2021) de Thaíse Santana, que estão marcados por uma

beleza poética que entoa cultura e política, transpassados por experiências oriundas da população negra, sobretudo, de mulheres negras e periféricas.

Nesse intento, buscamos apresentar, neste trabalho, de quais maneiras essas escritoras estão inovando o tecido literário, apontando para quebra dos silenciamentos e das máscaras, seguindo a linha de raciocínio da pesquisadora Grada Kilomba, em *Memórias da plantação – episódios de racismo cotidiano* (2019), de maneira a tornarem-se sujeitas/protagonistas de suas histórias. Dessa maneira, pretendemos divulgar as obras contemporâneas das jovens escritoras, assim como perceber como essa movimentação literária tem revolucionado microespaços onde racismo e branquitude se estabelecem como regra social.

Revolução pela palavra: inovação literária em *Pequenas ficções de memória* (2018)

A antologia *Pequenas ficções de memória* (2018), de Zainne Lima, publicada em 2018 pela editora Patuá, possui 15 contos divididos em três partes: Lembranças, Reminiscências e Recordações. Em seus contos, há uma recorrente tematização da violência e um fazer metaliterário, desvelando a escrita como arte, mas também uma forma de se colocar no mundo.

A jovem escritora Zainne Lima da Silva nasceu em 26 de dezembro de 1994, em Taboão da Serra, grande São Paulo. É filha de retirantes nordestinos, estudante de Letras na FFLCH-USP e escritora no Coletivo Entre Irmãs de mulheres negras e a página Zênite. É também uma das fundadoras do Coletivo Flores de Baobá (de escritoras negras) e Fora da Garrafa (voltado para a arte-educação). Além de escritora, é atuante no Ensino Básico, arte-educadora, pesquisadora, revisora e roteirista².

² Essas informações estão amplamente divulgadas no portal Literatura afro-brasileira (Literafro), da UFMG, e na seção “Sobre a autora”, em seu livro *Pequenas ficções de memórias* (2018).

Atentos às formas clássicas, os estudiosos e escritores mais conservadores adotaram o termo “prólogo”, oriundo da tragédia grega, como uma breve explicação do tema, comumente chamado de prefácio, preâmbulo, proêmio ou prelúdio. A escritora Zainne chama o seu prefácio de “Adianto” e afirma: “reivindico minhas raízes matriarcais” (SILVA, 2018, p.11). Esta afirmação está coerente com a narrativa construída contemporaneamente por mulheres negras, tanto pela acentuada ancestralidade quanto por se colocar de forma coesa à sua literatura, sua produção, como um corpo inscrito na arte e na política. Sendo assim, a autora escreve:

reivindico uma nova forma de escrever História, a reverência às mulheres muitas que pariram o Nordeste. que sejam queimados os livros dos homens brancos que inventaram nossa história; que sejam queimados os livros de mulheres brancas, ainda poucas, que relataram tortuosamente nossa história; os livros raros dos homens negros, que ousaram subverter o racismo embrenhado na intelectualidade brasileira, ponhamos à espera, para o caso de possíveis comparações teóricas. exijo uma história escrita pelas mulheres pretas e indígenas. (*Ibidem*, p.12)

Essas reivindicações iniciais da antologia são uma espécie de rasura ao cânone literário e a história oficial que atribuiu aos afrodescendentes um papel de submissão em suas construções, deixando de lado heróis, heroínas, reis e rainhas oriundos da África. Assim como uma reivindicação contra a invenção da superioridade masculina, que construiu a inferiorização da mulher. Sendo assim, esta é uma exigência interseccional que entende a “coalizão das estruturas” (AKOTIRENE, 2020), a intersecção entre raça, classe e gênero.

No texto prefacial “Adianto”, a escritora escreve sem iniciar as frases com as letras maiúsculas, que também é mais uma forma de subverter uma ordem, inovando o seu fazer literário. No livro *Interseccionalidade* (2020), coleção Feminismos Plurais, a pesquisadora Carla Akotirene aponta que:

[...] o desafio político é rejeitar quaisquer expectativas literárias elitistas, jargões acadêmicos, escrita complexa na terceira pessoa e abstrações científicas paradoxais sob a sombra iluminista eurocêntrica, míope à gramática ancestral de África e diáspora. Do meu ponto de vista, é imperativo aos ativismos, incluindo teórico, conceber a existência duma matriz colonial moderna cujas relações de poder são imbricadas em múltiplas estruturas dinâmicas, sendo todas merecedoras de atenção política. (*Ibidem*, p.19)

Este desafio é uma empreitada que Zainne Lima parece aceitar e seguir. Mais adiante, ela escreve: “Vamos botar fogo em seus papéis. Abram os olhos e os ouvidos: agora é nossa vez de narrar” (SILVA, 2018, p.13). Essa postura de narradora de literatura negra/afro-brasileira também é pós-colonial, pois expressa um desejo de rasurar os olhares eurocêntricos sobre a história e a literatura dos povos negros e indígenas.

A primeira parte do livro *Pequenas ficções de memórias*, “Lembranças”, traz o conto “a história de Maya”, e a história não é apenas de Maya, mas também da narradora do conto que compartilha de sua dor, e diz:

Enquanto a memória procurava forçosamente encontrar espaço em minha caneta, eu pensava somente que uma fome como a minha não sobreviveria a um real e cinquenta. Parei, me sentei, e com as três moedas pratas ainda pesando em meu bolso, inscrevo a história aqui. (*Ibidem*, p.17)

Maya, uma menina negra, órfã de pai e filha de uma mãe sobrecarregada pelo trabalho, passava maior parte do tempo com avó, que por projetar a imagem da filha que rejeitava na neta, não gostava de Maya, como toda menina de 8 anos, curiosa:

[...] gostava de ficar sozinha. Subia e descia os escadões dos bairros vizinhos. Iniciava os novos trajetos para testar se sua mente era capaz de traçar retalhos numa colcha de mapa. Às vezes os homens assobiavam para Maya, como se a quisessem para si. Ela nunca respondia. Olhava feio, desviava o olhar carrancudo e assomava o passo. Maya não sabia que tipo de substância constituía esses bichos

feios que dominavam o mundo com um tom estúpido de voz.
(*Ibidem*, p.19)

O trecho demonstra a pureza e vivacidade da infância, mas também a precoce sexualização da menina negra, sempre interpelada por atíngimentos sexuais de homens, herança do pensamento escravocrata sobre as mulheres negras e a disponibilidade irreal de seus corpos. A avó não deixava que nada lhe faltasse, embora não apreciasse muito sua neta. Ela era muito religiosa e caridosa devido a sua crença: Já “[...] Maya não sabia quem era Deus, mas em alguns momentos sentia que, se ele existia, só poderia estar no céu ao lado do seu pai, os dois tocando atabaques para o povo dançar. E no céu da noite, que era o céu dos pretos” (SILVA, 2018, p.19).

Seus vizinhos brancos, cuja família é composta por pai, mãe, duas meninas mais novas e dois meninos mais velhos compõem muitos dias de Maya, devido a casa ser um lugar frequentado bastante por ela, dias de abundância, mas também com assédios múltiplos contando com o silenciamento da esposa. Há, na história narrada, a participação da narradora a respeito de sua escrita, no trecho que expressa:

Você deve estar pensando que enrolo para contar o episódio anunciado no escrito. Em minha defesa, à medida que conto a história desta menina, cujo nome é Ilusão, me encolho na cadeira e não posso suportar o peso de chegar ao fim. Sinto dores absurdas. A tinta da caneta se espalha em borrões de águas que não sei serem lágrimas ou suores. (*Ibidem*, p.21)

A escrita da história de Maya é quase como se fosse um expurgo da narradora, que sente e sofre com cada palavra a ser anunciada. Ainda, nesta narrativa, a ficcionalização da violência é contra o corpo e a sexualidade de uma menina negra. Magoada, ferida e hipersexualizada já na infância. As cenas de deboche, hostilidade, fetiche e silenciamento ocorrem “No último dia de brincadeira”:

[...] que foi o mais difícil de escutar, Maya brincava com o moço mais novo e as duas irmãs no porão da casa enorme. Disse que queria ir embora. O moço chamou o pai. Disseram: pra você ir embora, tem que tirar a blusa. Maya, meio sem graça, tirou. As duas bolinhas duras ainda eram inofensivas. Em seguida: pra você ir embora, tem que tirar a calça. Maya tirou. Pra você ir embora, tem que tirar a calcinha e se deitar aqui comigo. Maya deitou sem jeito querendo desaparecer. Pensando que, se ela apertasse bem forte os olhos, acordaria do pesadelo. Apertou uma, duas, três vezes. Não acordava. O moço mais novo, nu; o pai rindo; as meninas no quarto brincando; a mãe deles, de longe, sem olhar, mas sabendo de tudo. De tudo. Silenciamento. (SILVA, 2018, p.22).

O controle do corpo de Maya e a privação de sua liberdade, assim como o tom de piada que atribuem a estas violências tornam o ambiente mais pesado, bem como o silenciamento da mulher. Entretanto, o controle patriarcal e as estruturas de poder postas na situação, afligem Maya do pior: o estupro.

De acordo com Grada Kilomba, Em *Memórias da plantação – episódios cotidianos de racismo*, para o mundo de conceituação branca, o ser/sujeito negro “é definido como “o ‘objeto’ ruim, incorporando os aspectos que a sociedade branca tem reprimido e transformando em tabu, isto é, agressividade e sexualidade” (2019, p.37). Sendo assim, relaciona-se:

[...] a ameaça, o perigo, o violento, o excitante e também o sujo, mas desejável - permitindo à branquitude olhar para si como moralmente ideal, decente, civilizada e majestosamente generosa, em controle total e livre da inquietude que sua história causa. (*Ibidem*)

A história do colonialismo se confunde com a história de Maya, pois se repete devido a mentalidade colonial, ao racismo e a fraternidade de silêncios da branquitude. Dessa forma,

chamam miscigenação nossos estupros invariáveis. Brancos botando títulos às nossas dores como se fossem descolados de realidade. Como se não fôssemos humanas. Como se cada homem nascido não tivesse sido educado pelas mãos de nossas mães e avó. Maya é uma mulher forte e sabe que o racismo existe e persiste em nossos passos de cada dia. Ela me diz que, para sobreviver, a gente tem de

prestar atenção no porquê de os pássaros cantarem em suas gaiolas. (SILVA, 2018, p.23)

Os diversos estupros estão relacionados à violência do colonialismo, mas também ao poder. No ensaio *Necropolítica* (2016), de Achille Mbembe, é questionado a respeito do exercício da soberania estatal e do controle da vida e da morte, bebendo da fonte do conceito de “biopoder”, de Michel Foucault. As reflexões suscitadas a partir do ensaio são motores para o debate sobre a violência acerca dos corpos negros e as alarmantes miragens de futuro das populações localizadas no Sul Global (SANTOS, 2009).

Sendo assim, o teórico levanta os conceitos de soberania, estado de exceção e política da morte, indicando que “a soberania reside, em grande parte, no poder e na capacidade de ditar quem pode viver e quem deve morrer” (MBEMBE, 2016, p.123). No âmago de tais violências e violações, para Mbembe, a temática racial sempre esteve inscrita, pois “[...] a raça foi a sombra sempre presente sobre o pensamento e a prática das políticas do Ocidente” (*Ibidem*, p.125).

Nessa perspectiva, sublinha-se a abordagem de que a raça e o racismo se constroem enquanto suporte de uma tecnologia (dispositivo) estritamente relacionada à política de morte, ressaltada por via da lógica bélica das tantas guerras que marcaram o século XX e dos corpos não privilegiados violentamente marcados por esse processo. Ademais, na contemporaneidade, é visível o avanço neoliberal intensificando a desigualdade, principalmente, nos países emergentes, nos quais permanecem a motivar a trucidações, através da violência policial, das populações periféricas e o seu encarceramento.

Antonio Candido, no texto “O direito à literatura”, pensa a contemporaneidade comprometida ao máximo com os processos de civilização, mesmo que ainda ocorram barbáries diversas. Nesse sentido, o elogio às atrocidades não é normalizado de forma corriqueira, abrindo espaço para a luta pelos direitos humanos. Assim, a literatura opera como uma maneira subjetiva de conhecimento acerca do mundo e “manifestação universal de todos os homens em

todos os tempos” (CANDIDO, 2011, p.176), além de indispensável na formação humana e cidadã, criadora de alteridade, é uma superfície de locução de luta, bem como espaço da liberdade e do sonho. Constituindo-se assim, enquanto um direito de cada ser humano ter acesso ao literário.

Ao final do conto, o engajamento político e estético está unido por trazer à tona visível as dores de uma menina-mulher que teve sua inocência dilacerada por desejos de brancos e ela diz:

Maya me conta esta história que é dela, é minha e provavelmente é sua, se você também nasceu mulher e preta no continente americano, no sul, na colônia brasileira. Ou se nasceu no Cairo, na Martinica, em Angola. Agradecemos à escrita que, ao nos permitir a voz, nos limpa como nganga³. & morremos, agora, ao final desta linha, onde chora, como rios de águas vivas, a nossa existência. (SILVA, 2018, p.24).

As mulheres negras compartilham história e vivências comuns da comunidade afro-brasileira, de maneira pontual, pois o racismo e o machismo continuam impingindo situações humilhantes e violências múltiplas. A escrita literária e arte, nessa direção, são maneiras de expurgar, reescrever e dar evidência às tantas personas e personagens relegadas ao quarto de despejo da literatura e do mundo.

Mulher-palavra (2021): jovens escritoras negras rompendo as máscaras de silenciamento do racismo

A coletânea de poemas *Mulher-palavra* (2021), da escritora baiana Thaíse Santana, estreia na cena literária brasileira como um abraço de acolhimento às mulheres negras. O seu livro possui 39 poemas e está dividido em três partes: Sentir, Sangrar e Resistir. Há um pungente diálogo com o passado, a tematização

³ Vocábulo de origem bantu que significa “curandeiro”.

do racismo e uma dedicatória à sua mãe, o que demonstra mais ainda a ancestralidade da escritora em uma reverência a sua mais-velha.

Thaíse Santana nasceu em Itabuna, na Bahia, no ano de 1989. Licenciou-se em Letras na Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), é mestra pela Universidade Federal de Viçosa (UFV) e doutoranda em estudos literários pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Mora, atualmente, na região metropolitana de Belo Horizonte, onde é professora da rede estadual. Participante de antologias literárias nacionais e internacionais, como *Cadernos Negros: poemas afro-brasileiros* n. 43 (2020). Além disso, possui contos publicados na *Revista Acrobata* (2020). Tem participado, ainda, de feiras literárias de divulgação do seu livro e mediações, em Sabará, a cidade onde reside. A escritora divulga literatura de mulheres negras em seu perfil na plataforma *Instagram* (@literaturademulhernegra).

Durante a pandemia da COVID-19, a professora, doutoranda e escritora Thaíse Santana criou um clube de leitura que integra jovens leitoras de vários lugares do Brasil. Movimentou suas redes em torno da divulgação de literatura de mulheres negras, enquanto publicava em antologias mistas e, no ano seguinte, lançou o seu livro *Mulher-palavra* (2021). O fazer poético de tal obra é metaliterário, intimista, profundo, artístico e político.

Na primeira parte do livro, denominada “Sentir” estão os poemas: “Gestar”, “Parto”, “Corpo inteiro”, “Poesia Preta”, “Espectro”, “Vento”, “Imensidão”, “Buenos Aires”, “Sintonia”, “Saudade grapiúna”, “Sonho de infância”, “Recomeço” e “Síntese”. Nestes tantos versos, é declarado o projeto literário de uma escritora que tem a palavra como ferramenta de trabalho, de sonho e de cura. A beleza do poema “Gestar” está na simbologia do processo de “maternar” da palavra literária. Dentro do ventre, o lugar feminino de gestar, está uma palavra-corpo, que também é semente-sonho e, ali, no corpo gestante de sonhos a revolução ocorre, como um prenúncio de lançamento da poesia para o seu público-leitor.

Gestar

Guardo no meu ventre
uma palavra-corpo
uma semente-sonho
um desejo-prece
dentro de mim
uma revolução acontece
(SANTANA, 2021, p.19)

O fluir metaliterário desses versos e a inventividade da poética, também sabem ser intimistas. Como o fazer literatura ou pesquisa acadêmica, o processo da escrita exige leitura, disposição mental, massa cinzenta, nos movimentamos internamente e externamente ao escrever, e o verso “me rasgo inteira”, como uma folha de papel que rasuramos, para depois escrevemos de novo. A poesia “exige corpo inteiro”, isto é, um processo de entrega para a produção literária.

Corpo inteiro

Me rasgo inteira
escrevendo um verso
me viro do avesso me desintegro
a poesia exige corpo inteiro
(*Ibidem*, p.21)

É recorrente na literatura negra, afro-brasileira e feminina o aspecto da ancestralidade como potência e, na segunda parte do livro, “Sangrar”, temos o poema “Mãe África” que transmite o ser mulher afro-atlântica: “Sou tua filha perdida/ do outro lado/ do Atlântico”. Ainda, “Sou ferida que não vai cicatrizar” (*Ibidem*, p.44). Essa ferida aberta que se chama colonialismo, um processo doloroso no qual muitos africanos foram esquecidos no fundo do mar ou escravizados nas colônias brasileiras:

Mãe África

Sou tua filha perdida
do outro lado
do Atlântico

sou tua filha esquecida
na imensidão
desse mar
sou teu umbigo cortado
sangrando
sou ferida que não vai cicatrizar.
(*Ibidem*)

Itabuna, cidade natal da escritora Thaíse Santana, também foi conhecida como a pior cidade para um jovem viver no Brasil, em 2015, a partir do ranking da violência produzido a partir da 5ª edição do Índice de Homicídios na Adolescência (IHA)⁴. A violência policial, a guerra contra as drogas e as brigas entre facções são centrais para essas pesquisas de ranqueamento. A mortalidade de jovens negros é revoltante na região grapiúna, que é a Costa do Cacau no Brasil, abrangendo Ilhéus e Itabuna. Na ocasião do 54º Congresso da União Nacional dos Estudantes (UNE), em 2015, a poeta e ativista social, Thaíse Santana, recitou na programação cultural, momento dirigido pelo poeta Sérgio Vaz, fundador da Cooperifa (Cooperativa Cultural da Periferia), “Selva grapiúna”, até então um poema que ainda não tinha sido publicado, mas já pulsava dentro da escritora. Nesse sentido, o poema é como uma espécie de manifesto a este problema tão dilacerante.

Selva grapiúna

Contra o genocídio do povo negro

A cidade que me pariu
E me viu crescer
Não espera adolecer
Menino preto da periferia
Coitado do Zezinho
Sem onde cair morto
Caiu num esgoto
No Buraco da Gia

⁴ O IHA agrega uma das ações do Programa de Redução da Violência Letal Contra Adolescentes e Jovens (PRVL), programa formulado em 2007. A pesquisa na íntegra pode ser vista em <http://prvl.org.br/>. Todas essas informações foram veiculadas em 28 de janeiro de 2015, pelo G1. A matéria está disponível em: <https://g1.globo.com/bahia/noticia/2015/01/bahia-e-o-2-estado-mais-letal-para-jovens-itabuna-lide-ra-entre-cidades.html>.

A mãe do menino chorou sozinha
Todo mundo viu o corpo preto
E frio
Exposto igual mercadoria
Vida de preto corre perigo
Na selva grapiúna muitos são chamados
Todos escolhidos
(*Ibidem*, p.47)

O poema “Mulher-palavra” está situado na terceira parte do livro, “Resistir”, acompanhado da epígrafe de Alzira Rufino (1988): “Eu, mulher negra, resisto”. O verso “Para minhas mais velhas/ Te leio” (SANTANA, 2021, p.56) é como uma menção honrosa e ancestral às nossas matriarcas, que passam, mesmo talvez sendo analfabetas, saberes ancestrais de valor para qualidade de vida da mulher negra, como a semente da esperança “me alimento de versos/ e sonhos” (*Ibidem*).

Mulher-Palavra

Para minhas mais velhas
Te leio
me reconheço
entre um verso e outro
um silêncio profundo
a palavra pulsa
escrevo
e na contramão do mundo
me alimento de versos
e sonhos
(*Ibidem*)

Roda ancestral

Eu sou um corpo
de alma
Parida na África
Eu sou memória de gente
Perdida na diáspora
Eu sou história girando a
roda dos meus ancestrais
(*Ibidem*, p.60)

O poema “Roda ancestral” também está ligado ao aspecto da ancestralidade da literatura afro-brasileira, nesse sentido, é importante pontuar a importância do retorno ao passado, das reminiscências, da história, para reconstrução da noção identitária, da construção de raízes. Nessa perspectiva, Kilomba (2019), ao escrever sobre o verso de Jacob Sam-la Rose “Por que escrevo?/ Por que eu tenho de/ Por que minha voz,/ em todos seus dialetos/ tem sido calada por muito tempo” (ROSE, 2002, p.60 *apud* KILOMBA, 2019, p.27), diz:

[...] *nossa* própria realidade, a partir da nossa perspectiva tem, como no último verso do poema, *sido calada por muito tempo*. Esse verso descreve como o processo de escrever é tanto uma questão relativa ao passado quanto ao presente, e é por isso que começo este livro lembrando do passado a fim de entender o presente, e crio um diálogo constante entre ambos, já que o racismo cotidiano incorpora uma cronologia que é atemporal. (KILOMBA, 2019, p.29).

Sendo posto dessa maneira, a busca recorrente pelas raízes negras tem uma atemporalidade construída pelas experiências em comum de um povo que retorna à ancestralidade para se reconstituir, em meio a tantos redemoinhos e infortúnios. Somos história girando a roda dos nossos ancestrais, ao escrever um livro literário ou um artigo, pois a busca negra por respostas à colonialidade não para aqui.

Considerações finais

A inovação literária das mulheres negras está ocorrendo na contemporaneidade de maneira a utilizar todas as ferramentas possíveis. Seja com as batalhas de *slam* literário, onde poetas recitam poesias, nas redes sociais na sementeira de poesias e outras escritoras, nos coletivos de literatura, nas escolas e universidades. As mulheres negras inventam e se reinventam, como fizeram na pandemia nos tantos clubes literários e encontros virtuais.

Zainne Lima e Thaíse Santana são duas grandes provas que jovens escritoras negras estão renovando a literatura brasileira com suas linguagens, temas e tantas experiências. Estas escritoras estão “falando em seu próprio nome” a partir da perspectiva da literatura afro-brasileira que possui um modo próprio de dizer e fazer sentir. Elas são história girando a roda dos nossos ancestrais.

Referências bibliográficas

AKOTIRENE, Carla. *Interseccionalidade*. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2020.

BARBOSA, Márcio; RIBEIRO, Esmeralda (Org.). *Cadernos Negros 43: poemas afro-brasileiros*. São Paulo: Quilombhoje, 2020.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In:_. *Vários escritos*. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011, p.171-177.

EVARISTO, Conceição. *Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade*. Scripta, v. 13, n. 25, p.17-31, 17 dez. 2009.

GALVÃO, Demétrios. 3 Poemas de Zainne Lima da Silva. *Revista Acrobata*, 2020. Disponível em: <<https://revistaacrobata.com.br/demetrios/ poesia/3-poemas-de-zainne-lima-da-silva/>>. Acesso em: 07 jul. 2022.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação – Episódios de racismo cotidiano*. Trad. Jess Oliveira. 1.ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. Sta. Cruz de Tenerife: Melusina; 2016.

SANTANA, Thaíse. *Mulher-palavra*. 1.ed. São Paulo: Editora Patuá, 2021.

SANTOS, Boaventura de Souza. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS, Boaventura de Souza; MENESES, Maria Paula (Org.). *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Almedina, 2009, p.23-71.

SILVA, Zainne Lima da. *Pequenas ficções de memória*. São Paulo: Editora Patuá, 2018.

Recebido em 09/05/2022

Aceito em 20/06/2022